

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

JAQUELINE MORAES FERNANDES

**CONTANDO HISTÓRIAS NA BRINQUEDOTECA ESCOLAR: UMA PROPOSTA  
DE INCENTIVO A LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Goiânia  
2008

JAQUELINE MORAES FERNANDES

**CONTANDO HISTÓRIAS NA BRINQUEDOTECA ESCOLAR: UMA PROPOSTA DE  
INCENTIVO A LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada ao curso de Biblioteconomia da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

**Orientação:** Prof. José Vanderley Gouveia

Goiânia  
2008

JAQUELINE MORAES FERNANDES

**CONTANDO HISTÓRIAS NA BRINQUEDOTECA ESCOLAR:  
UMA PROPOSTA DE INCENTIVO À LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada no Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia, aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores.

---

Prof. José Vanderley Gouveia - UFG  
Presidente da banca

---

Murillo de Melo Macedo  
Bibliotecário

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu vida e inteligência, e que me dá força para continuar a caminhada em busca dos meus objetivos.

Ao meu esposo, meus pais, irmãos, e a todos que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

A todos os professores que contribuíram decisivamente para a minha formação acadêmica, profissional e pessoal.

Aos meus amigos Danilo Rocha, Denise Eugênia, Lana Cristina, Leusimar Lourenço e Lucas Hideki pelos agradáveis momentos vividos e pelo grande elo de amizade formado durante estes anos.

*Partindo da afirmação de que utilizamos a contação de história para promover incentivo a leitura, podemos então dizer que sonhar, imaginar, sentir são elementos essenciais nesse processo.*

**Fátima Café**

## RESUMO

A prática de contação de histórias é considerada uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da criança e um grande incentivo para que este se interesse pelo livro e pela leitura. Nesta perspectiva, sem sombra de dúvidas, é muito significativo o papel do bibliotecário enquanto “contador de histórias”, em especial na Educação Infantil, onde os incentivos devem começar. Saindo da tradicional biblioteca, buscou-se inserir esta atividade de incentivo à leitura em uma brinquedoteca escolar, espaço onde a ludicidade é a principal aliada. A partir desta pesquisa, buscou-se responder a seguinte questão: É possível transformar a brinquedoteca em um local de leitura? Para tal, elaborou-se uma atividade de contação de histórias na brinquedoteca escolar da Educação Infantil do Colégio Marista de Goiânia, que desde então, era destinado somente a brincadeiras. Juntamente com esta atividade, propôs-se incentivar a organização do espaço, já que o local não possui um funcionário responsável pela sua organização, ficando a cargo de quem a utiliza também mantê-la. Para análise dos dados, aplicou-se uma ficha de avaliação às professoras buscando examinar o andamento da atividade e também utilizou-se um caderno de registro das atividades realizadas. Neste há uma descrição da atividade, contendo também observações da turma e/ou atividade. Entre as conclusões, vale destacar: professoras acreditam que a contação de histórias levam ao hábito de leitura; a atividade atingiu os objetivos quanto à leitura e organização do espaço; as crianças reconhecem a brinquedoteca como uma local de leitura. Eis um novo local onde o bibliotecário deve trabalhar juntamente com o pedagógico, visando formar futuros leitores. Cabe a este usar de toda criatividade para atingir os objetivos a serem alcançados.

**Palavras-chave:** leitura – formação do leitor – incentivo a leitura – contação de histórias – brinquedoteca escolar – Educação Infantil.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>2</b>	<b>LEITURA.....</b>	<b>10</b>
2.1	LEITURA NA ESCOLA E FORMAÇÃO DE LEITORES.....	12
2.2	MEDIADORES DE LEITURA.....	16
<b>3</b>	<b>A CRIANÇA E A LITERATURA.....</b>	<b>18</b>
3.1	A EDUCAÇÃO INFANTIL.....	18
3.2	LITERATURA INFANTIL.....	19
3.3	OUVINDO HISTÓRIAS.....	20
<b>4</b>	<b>BRINQUEDOTECA.....</b>	<b>22</b>
4.1	BRINQUEDOTECA ESCOLAR.....	23
4.2	A CRIANÇA E O BRINCAR.....	25
4.3	UM BRINQUEDO CHAMADO LIVRO.....	27
<b>5</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>33</b>
5.1	ANÁLISE DOS DADOS.....	35
<b>6</b>	<b>RESULTADOS.....</b>	<b>38</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>42</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>43</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A brinquedoteca escolar<sup>1</sup> é peça fundamental no processo de formação educacional por ser destinada especificamente à Educação Infantil. Contudo, muitos limitam este espaço apenas para a brincadeira com brinquedos e se esquecem que muitas atividades destinadas à promoção do livro e da leitura poderiam ser realizadas.

É necessário de lembrar que brincar é apenas um jeito gostoso de aprender. Brinquedotecas são espaços que valorizam as atividades lúdicas e criativas. Com isso, o lúdico não está só no brincar, está também no ler, no ouvir, no apropriar-se da literatura e do livro como forma de descobrimento e compreensão do mundo. O hábito da leitura pode ser cultivado desde cedo, antes mesmo de a criança aprender a ler. Geralmente, a primeira forma de leitura é a da imagem.

O acréscimo de atividades destinadas à leitura e o uso dos livros infantis como objetos lúdicos, despertam o prazer, a imaginação e a criatividade das crianças na construção das relações com o mundo. Isso faz com que a brinquedoteca se torne um espaço propício para a primeira leitura e contato com o livro.

É um lugar rico a ser explorado pelos professores tanto para a leitura como para brincadeiras. Estes devem estar atentos a todas as possibilidades para encantar os alunos utilizando diferentes recursos como estratégia. Ele é encarregado de aproximar a criança de todos os tipos de atividades, inclusive a leitura. Porém, é fundamental que faça esta mediação mostrando o livro como algo prazeroso e não enfadonho.

A partir de proposta apresentada para a realização do estágio obrigatório, pretendeu-se aproveitar a mesma pesquisa para a realização deste trabalho. O local escolhido para a realização do estágio e do trabalho foi o Colégio Marista de Goiânia, por sua estrutura e disponibilidade.

Observando-se o espaço a ser estudado, notou-se que as crianças da Educação Infantil não visitavam com frequência o espaço da biblioteca por ambas serem distantes. Notando a existência de uma brinquedoteca na Educação Infantil, refletiu-se na possibilidade de reformular a rotina da brinquedoteca, tendo como objetivo inserir a contação de histórias na brinquedoteca, visando aproximar as crianças do espaço não só pelas brincadeiras, mas também pelo livro e incentivos a leitura. O trabalho contempla não apenas a leitura de histórias, mas também os comentários adicionais a ela, propondo práticas de leitura que proporcionem a interpretação do texto. Assim, a criança, ao exercer

---

<sup>1</sup> O termo “brinquedoteca escolar” será utilizado para diferenciá-la de brinquedotecas de outros espaços como *shoppings centers* e hospitais, por exemplo.

sua liberdade de interpretar, cria novos sentidos ao texto lido. Junto com esta proposta, também houve um trabalho com as crianças e professoras quanto à organização da brinquedoteca, pois não há uma pessoa responsável pelo local, ficando a cargo de quem a utiliza também mantê-la.

Desenvolver o interesse e o hábito pela leitura é um processo constante. A criança que houve histórias desde cedo, que tem contato direto com livros e que é estimulada, terá um desenvolvimento favorável e interesse para a leitura. Assim, as condições necessárias ao desenvolvimento de hábitos positivos de leitura, incluem oportunidades para ler de todas as formas possíveis.

Inserir a brinquedoteca neste contexto é um desafio aos bibliotecários, pois contar histórias envolve toda uma competência para narrá-las de maneira que desperte no ouvinte um desejo de se aventurar no universo da leitura.

## 2 LEITURA

Ao se questionar o que vem a ser leitura, muitos se atentam ao simples fato de decifrar códigos lingüísticos. Inúmeras são as definições de e conceitos articulados e elaborados pelo homem para a leitura, inclinando-se tanto para um caráter mais político, mais social, ou para um caráter mais instrumental ou mais técnico.

O ato de ler não é a simples decodificação de sinais – questão do analfabetismo funcional que o país enfrenta na atualidade: pessoas que, em decorrência do tipo do ensino que tiveram, não se tornaram capazes de compreender o que lêem e de se comunicar por meio da escrita. Ou seja, apenas percorrer um texto com os olhos não é a garantia de que o leitor esteja compreendendo e aprendendo a mensagem ali escrita.

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. (MACHADO, 2001)

A partir do momento em que o leitor participa dos “vazios” do texto, é importante a bagagem de experiências que ele traz consigo. Não haverá em momento algum do texto, dois leitores que irão visualizar o mesmo cenário, pois as experiências são individuais e a cada momento se modificam. Do mesmo modo que a cada nova leitura realizada pelo mesmo sujeito os cenários serão modificados também. Portanto, como diz Borges (2003), leitura e leitores são peças de um mesmo jogo e leitura implica o ato de ler, que é estabelecer relações com as coisas, os objetos, as pessoas, outras pessoas e acontecimentos.

Vemos então que a leitura é um instrumento fundamental para a promoção da interação dos indivíduos com o meio social, pois favorece o diálogo, a propagação de idéias, as trocas e atos na construção de conhecimento.

Leitura e leitores são igualmente importantes no ato de ler. Segundo Martins (1997), a leitura vai além do texto e começa antes do contato com ele. A partir dessa afirmativa, a autora propõe a classificação da leitura em três tipos: *sensorial*, *emocional* e *racional*. A leitura *sensorial* revela o prazer no simples contato com a obra, do seu significado, e é feita através dos sentidos. Esta também é caracterizada por ter o livro como status: não ler, mas ter. Na leitura *emocional*, a expressão está na emoção que a leitura proporcionou. Esta mexe com a subjetividade das pessoas por ser mais envolvente, aguçando algum lado sentimental. Esta prática de leitura está mais associada ao prazer. E

por último, a leitura *racional*, que exige uma postura intelectual, por isso não pode ser feita pela maioria dos leitores, pois exige um maior grau de conhecimento.

Pode-se verificar que a leitura é um fenômeno que sofreu várias evoluções e transformações ao longo de sua história. Ela não é um fenômeno estático, e há verdadeiras “revoluções da leitura”, alternando evoluções e mutações mais ou menos lineares e bruscas.

Até muito tempo atrás, o acesso à leitura era para poucos, pois o país tinha maior concentração de habitantes na zona rural e esta não possuía recursos necessários para permitir este acesso. Ao passar dos anos, com a migração para as cidades e o avanço da tecnologia, houve também um avanço das possibilidades de acesso à leitura, contribuindo para o crescimento pessoal e abertura da mente. As informações são disponibilizadas em vários suportes, permitindo muitas vezes, a interação com o usuário.

Mas, infelizmente, com tantas informações, o acesso a elas ainda continua restrito, ou até mesmo, são poucos os que se interessam por estas informações. A leitura muitas vezes não é vista como uma prática social importante e vários fatores interferem negativamente neste processo, principalmente por vivermos em um mundo onde o apelo visual pelas imagens é forte e facilitado, e onde há grande dificuldade na leitura de textos por esta ser menos atrativa.

Apesar destes ruídos, somos todos leitores: leitores de mundo, leitores de estudo, leitores de informações; mas não devemos parar por aí e sim atingirmos um patamar de criticidade e seletividade para preferirmos leituras mais elaboradas.

O ato de ler na antiguidade era sagrado. Segundo Manguel (1997), poucos tinham acesso ao conhecimento, o mediador do pensamento eram as religiões, que determinavam o que era uma “boa leitura” e também era comum as pessoas ficarem lendo em voz alta. Essa prática de leitura era uma forma de pensar e falar, de dar vida ao escrito. Somente no século XX veio ao Ocidente a prática da leitura silenciosa, condenada pelas Igrejas cristãs por ser uma leitura de segredo, dando ao indivíduo a capacidade de pensar e interpretar o que estava lendo. O indivíduo não tinha a mesma liberdade que temos hoje de interagir com o texto, dar asas à imaginação, enfim, de ter opinião a determinado assunto. Esta capacidade de pensar nos é proporcionada graças à prática de leitura que, infelizmente, tem sido dificultada por ser menos atrativa que o mundo visual das imagens que nos é apresentado.

É preciso observar que a leitura é sempre uma prática encarnada por gestos, espaços e hábitos. É preciso identificar as disposições específicas que distinguem as comunidades de leitores, as tradições de leitura, as maneiras de ler. Todos aqueles que podem ler os textos não os lêem da mesma forma, há aqueles que possuem mais competência de leitura e há os leitores menos hábeis. Todavia, as comunidades de leitores transformam-se em comunidades de interpretação. Cada uma dessas comunidades partilha,

em relação com o escrito, um mesmo conjunto de competências, de usos, de códigos, de interesses e permite estabelecer limites e localizar as traduções culturais das diferenças sociais. Para cada comunidade de interpretação formada, a relação com o escrito efetua-se com técnicas, gestos e diferentes maneiras de ler. A leitura não é apenas uma operação intelectual abstrata: ela é o uso do corpo e uma atenção especial deve ser dada às maneiras de ler que desapareceram ou que, pelo menos, foram marginalizadas no mundo contemporâneo.

A leitura não deve limitar-se apenas à maneira de ler contemporaneamente, ela deve, sobretudo, reencontrar os gestos esquecidos, os hábitos que desapareceram e, além de manter o homem intelectualizado, deve também servir de deleite e prazer para o homem moderno que vive diariamente a revolução eletrônica (MACHADO, 2001).

## 2.2 LEITURA NA ESCOLA E FORMAÇÃO DE LEITORES

Todo ser humano para se tornar capaz de desenvolver atividades mais complexas ligadas ao intelecto, precisa passar pelo processo da educação formal. Esta abrange várias áreas, entre elas a leitura. Não somente uma leitura decodificadora de sinais gráficos, mas uma leitura “entre linhas”, uma leitura crítica, que nos faça pensar, raciocinar sobre determinado assunto, adquirir conhecimento e produzir sentido.

Numa sociedade que trata tanto de educação e incentivos a leitura, é estranho que ainda existam pessoas que tenham problemas com a leitura e a escrita. Jacob (2007) ressalta bem este problema:

Todos os membros de uma sociedade civilizada são obrigados a utilizar várias formas de leitura e interpretação de livros, jornais, revistas, cartas, relatórios, documentos, textos, resumos, tabelas, mensagens informatizadas, cálculos, receitas culinárias, bulas de remédios e uma infinidade de outras formas escritas. Muitos, muitos mesmos têm dificuldades. Eles são produtos da escola e do ensino que temos.

Para formação de um leitor são precisos anos e anos de oportunidades, condições e incentivos que se dão entre a família e a escola; é um processo lento e, ao mesmo tempo frágil, que se sedimenta e consolida na adolescência. Para auxiliar este processo, existem (ou deveriam existir) os mediadores de leitura, que são pessoas preparadas para interferir positivamente na relação do leitor com o texto. Seu papel é de facilitar esta comunicação, preocupando-se principalmente com o espaço – este estimula ainda mais a leitura – para que seja confortável, acolhedor e funcional, gerando a satisfação da criança em voltar a este lugar. Aí vemos a importância das bibliotecas e brinquedotecas,

neste caso a escolar, como um espaço de leitura confortável e pautado pelo bem estar, podendo agir ativamente na formação de novos leitores.

De acordo com Perroti (1990), a escola é o espaço onde se deve, de forma planejada, independentemente das condições gerais de ensino, atrair, ganhar, conquistar leitores. Em outras palavras, a escola não deve somente ensinar a ler, mas sim enriquecer o aluno, ampliando seu universo através de hábitos de leitura. Um instrumento importante para a promoção de leitura e a formação de novos leitores nestes espaços é a brinquedoteca, pois através dela haveria incentivos à leitura recreativa, oferecendo atrativos para incentivar futuramente o uso do livro e da biblioteca.

A história escolar vem mostrando que, não apenas no Brasil, mas em diferentes países do mundo, o acesso ao ensino da língua – alfabetização e estudos posteriores – não tem garantido a competência das pessoas utilizarem adequadamente a leitura e a escrita.

Há uma enorme quantidade de pessoas que aprenderam a ler e escrever na escola, mas não conseguem fazer seu uso – são os chamados *analfabetos funcionais*. Estas pessoas não se tornaram capazes de compreender o que lêem e nem de se comunicar através da escrita.

Percebe-se que poucos são os que incentivam a leitura no país. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Paulo Montenegro em 2001, mostrou que apenas 26% dos adultos são capazes de ler – e entender – um livro (CONSTIN, 2004). Vemos que a leitura, principalmente no meio escolar, é substituída pelo aprendizado da língua portuguesa, – esta bastante enfatizada nos livros escolares – que ensina somente a decifrar os códigos lingüísticos, formando sujeitos que conhecem a língua, mas que não sabem interpretar um texto.

O livro sozinho não basta para fazer do nosso país uma nação de leitores. Jacob (2001) cita quatro fatores críticos no estabelecimento de uma formação leitora, segundo estudos da UNESCO:

- a) ter nascido numa família de leitores;
- b) ter passado a juventude em um sistema escolar preocupado com o estabelecimento do gosto da leitura;
- c) o preço do livro;
- d) o acesso do livro e o valor simbólico que a população lhe atribui.

Estes fatores apresentados pela UNESCO, se atacado isoladamente, não resolveria o problema segundo Jacob (op.cit.):

O livro pode ser até barato, mas se não houver promoção de leitura, pontos de venda e distribuição adequada ele não será comprado. O livro pode ser mesmo grátis. Mas se não houver bibliotecas, continuará não sendo lido. A escola pode valorizar a leitura, mas se a sociedade não o fizer, se o professor não for um leitor e não estiver preparado para ser um promotor da leitura a reação prazerosa com o livro hábito se extingue na saída da escola.

Lajolo apud Machado (2001) ressalta que ninguém nasce sabendo a ler. A partir deste ponto, concluímos que além de despertar o gosto do aluno pela leitura, é preciso capacitá-los para que, como afirma Freire (1994), frente ao texto lido, eles possam se situar no processo, possibilitando assim a leitura além da compreensão da palavra escrita.

Freire (*op.cit.*), afirma que falar de educação e bibliotecas escolares é falar, entre muitos outros, do problema de leitura e escrita. Jacob (2001) fala sobre esta questão em seu artigo:

Esse espaço, que Freire classifica como “um centro disseminador do saber e não como um depósito de livros” deveria ser de grande necessidade na escola, pois é através dela que o aluno irá ampliar seu universo de leitura, conhecer materiais diferentes do livro didático, complementar seus estudos, buscar informações, pesquisar e aprender. É na biblioteca que o aluno experimentará e exercitará sua autonomia na leitura.

Segundo a Câmara Brasileira do Livro, o país consome 2,3 livros per capita ao ano, sendo que 60% dos livros vendidos são escolares – didáticos e paradidáticos – e que parte considerável é distribuída gratuitamente pelo governo nas escolas. O Ministério da Cultura informa que maior parte do material adquirido espontaneamente no país é comprado em bancas de jornal e revistas e que as bancas vendem mais livros do que as livrarias. Informa também que há apenas 4.000 bibliotecas públicas no Brasil, aproximadamente uma para 40.000 habitantes. (PRADO, s.d)

Em linhas gerais, Rocha (s.d) descreve a história da leitura na escola apresentando o seguinte quadro:

- a) bibliotecas inexistentes em 75% das escolas brasileiras de Ensino Fundamental ou transformadas em sala de aula, ou então, existentes mas na condição de simples depositárias de livros;
- b) professores não leitores, queixando-se de que os alunos não sabem ler nem escrever; em suas aulas, no entanto, esses docentes não demonstram que gostam de ler e não valorizam a leitura, nem mesmo como instrumento de conhecimento;
- c) professores alfabetizadores, preocupados demais com o ensino e a aprendizagem do código escrito, esquecendo-se de que é preciso também estimular o gosto pela leitura;

- d) professores de Língua Portuguesa destruindo a beleza do texto literário, ao fazerem dele pretexto para o ensino da estrutura e funcionamento da língua, com todas as regras e exceções gramaticais;
- e) livros didáticos de Língua Portuguesa fragmentando o texto literário e apresentando o como um todo;
- f) nas séries iniciais, dedicação de apenas quinze minutos por semana para a “hora” do conto;
- g) nas demais séries, leitura obrigatória de um livro por bimestre, para a classe toda;
- h) formas descabidas de avaliação da leitura do texto literário, como questionários, resumos e fichas de leitura;
- i) à época do vestibular, professores se desesperando porque o aluno não consegue vencer a lista dos livros indicados pela falta de hábitos de leitura.

Diante dessa realidade, a escola não tem se mostrado competente por ser um espaço privilegiado de desenvolvimento de leitura e escrita. É seu papel promover leitura, assim contribuindo para que o sujeito se constitua leitor. Do jeito como está a situação, para a escola fica difícil cumprir essa função social. E todo esse quadro conduz à destruição do prazer de ler, à rejeição ao livro e à formação de não leitores, num jogo de culpas em que quem perde é o aluno.

Se a escola quer tornar a leitura um hábito dos alunos, ela também deve desenvolver práticas que mudem o autoritarismo e coerção utilizada pelos professores, levando ao desinteresse dos alunos pela leitura e afastando-os para sempre dos livros. Resulta daí a necessidade de buscar novas práticas que possibilitem a construção de outra imagem da leitura: prazerosa, divertida, atrativa, a ponto de ser capaz de romper com toda a resistência criada pelos alunos. Infelizmente, para muitos alunos, ler e estudar são sinônimos; em vista disso, os destinos da leitura para estes alunos estarão sempre ligados ao conhecimento escolar.

Cabe a escola atentar-se que a leitura não deve ser imposta a estes, devendo ser trabalhada aos poucos, relacionando-a sempre com o prazer, aguçando o imaginário e exercitando a interpretação daquilo que foi colocado. Nestas horas, a biblioteca e a brinquedoteca deve ser presente e atualizada, propondo sempre a interação com os temas da sala de aula e acolhendo estes novos leitores.

Portanto, a leitura deve ser trabalhada tanto no ambiente familiar como na escola, pois os leitores surgem de famílias que lêem regularmente ou de um trabalho competente em sala de aula, que intervém no processo, seja pela ausência dessa prática na família, seja estimulando e *ensinando* a ler, em parceria com as bibliotecas e brinquedotecas da instituição.

## 2.2 MEDIADORES DE LEITURA

Não há dúvida de que a leitura é um caminho muito importante para a informação e principalmente para a formação do ser humano. Ao primeiro contato, a leitura apresenta dificuldades e propõe desafios, decorrendo não apenas boa vontade, mas também esforço e dedicação daqueles que estão em fase de aprendizado.

Para formação de um leitor são precisos anos e anos de oportunidades, condições e incentivos que se dão entre a família e a escola; é um processo lento e, ao mesmo tempo frágil, que se sedimenta e consolida na adolescência. Para auxiliar este processo, existem (ou deveriam existir) os mediadores de leitura, que são pessoas preparadas para interferir positivamente na relação do leitor com o texto. Seu papel é de facilitar esta comunicação, preocupando-se principalmente com o espaço – este estimula ainda mais a leitura – para que seja confortável, acolhedor e funcional, gerando a satisfação da criança em voltar a este lugar. Ai vemos a importância das bibliotecas e brinquedotecas, neste caso a escolar, como um espaço de leitura confortável e pautado pelo bem estar, podendo agir ativamente na formação de novos leitores.

Os familiares deveriam ser os primeiros mediadores de leitura, pois são os primeiros elos da criança com o mundo. Entretanto os pais e demais membros da família, em geral, não têm a dimensão da influência que podem exercer sobre as crianças, no sentido de motivá-las à leitura. Desta forma, se a família não tem condições econômicas e culturais de cumprir a tarefa de mediadora da leitura, as escolas, de maneira precária ou de forma enriquecida, tentam fazer esta mediação. O professor é encarregado de aproximar a criança da leitura. Porém, é fundamental que ele faça esta mediação mostrando o texto como algo prazeroso e não como instrumento de avaliação e tarefa enfadonha.

Como mediador, deve-se considerar também o bibliotecário, que tem grande valor social por estar ligado diretamente ao usuário, desde a escolha do material da biblioteca, conforme uma política bem elaborada de desenvolvimento de acervo – estabelecida desde as Diretrizes Curriculares, até quando há interação direta do usuário com este material. Ele é um *intermediador*, pois, por ter um conhecimento mais amplo – a profissão exige este conhecimento de mundo – ele prepara a informação e usa de estratégias para aproximar o usuário de um determinado livro.

O bibliotecário não deve ficar somente deste lado do processo, ele também deve compartilhar a leitura, tornar-se cúmplice do leitor, cúmplice da formação educacional. Por isso é preciso que ele tenha conhecimento do processo educacional e dos materiais do acervo para estar apto a interagir com o usuário, criando assim vínculos de leitura. Conhecendo os processos, as Diretrizes Curriculares, os currículos específicos, participando efetivamente da vida escolar, podem oferecer mais opções que possam atrair estes leitores

à biblioteca, não somente os livros. Por isso, a mediação do professor, na sala de aula, do bibliotecário, na biblioteca ou brinquedoteca, e da família no lar é que ensinarão a criança institucionalizada a ler literatura e atribuir sentido ao texto impresso. (BARROS, 2006).

## **4 A CRIANÇA E A LITERATURA**

### **4.1 A EDUCAÇÃO INFANTIL**

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a educação infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. A educação infantil será oferecida em: creches ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; pré-escolas, para crianças de quatro a seis anos de idade.

O período de 0 a 6 anos é o mais importante na formação da criança. É quando ela constrói os principais conhecimentos, de modo inconsciente e de progressiva consciência se relacionando futuramente com outros. Embora não pareça, esta é a fase mais decisiva da vida. O tempo todo a criança descobre, inventa, resiste, pergunta e socializa-se.

Considerada como etapa essencial, a Educação Infantil dá fundamentos importantes ao desenvolvimento da criança. Como etapa inicial, a educação infantil torna-se muito importante para o desenvolvimento da criança no plano físico, psicológico, cognitivo e social.

Na Educação Infantil as crianças são estimuladas através de atividades lúdicas e jogos, a exercitar suas capacidades motoras, fazer descobertas, e iniciar o processo de letramento, oferecendo situações em que a criança amplia os seus conhecimentos, desenvolve a capacidade de aprender, o gosto pela descoberta, a própria capacidade de escolha, o espírito crítico, o pensamento, a expressão pessoal e em grupo através de várias formas, e também introduz-se no processo de descoberta e utilização da linguagem escrita.

O professor de Educação Infantil deve estar atento a seus alunos, observando-os, ouvindo-os e a partir disso, planejar as atividades a serem realizadas. Ele precisa ter consciência de que tudo o que é feito em sala de aula ou fora dela, recai na formação de seus alunos. A maneira de organizar a aula, os tipos de incentivo, as expectativas que têm, os materiais utilizados, todas essas influenciam na formação do aluno.

Sendo a primeira etapa do processo de escolarização da criança, a Educação Infantil requer maior atenção de todos os que estão envolvidos nesse ato, pois é nesta fase que a criança faz as primeiras descobertas e vive novas experiências que contribuem para o seu desenvolvimento. O momento da chegada da criança pode significar um processo traumático. Dependerá da forma que será acolhida ao chegar nesse novo espaço. Daí a importância do ambiente escolar ser acolhedor; mas não significa decorar todas as paredes

com motivos infantis, causando uma grande poluição visual. Um ambiente acolhedor é construir uma escola onde as crianças sejam tratadas sem discriminação racial ou econômica. Também é um lugar onde os profissionais sejam comprometidos com a sua profissão e com os educandos, sendo capazes de perceber fatos que estejam prejudicando o desenvolvimento da criança.

## 4.2 A LITERATURA INFANTIL

Segundo Pahl (s.d), os primeiros livros direcionados ao público infantil, surgiram no século XVIII. A princípio os autores escreviam suas obras enfocando os contos de fadas. De lá pra cá, a literatura infantil foi ocupando seu espaço e apresentando sua relevância.

Nesta época, a literatura infantil era tida como mercadoria, principalmente para a sociedade aristocrática. Com o passar do tempo, a sociedade cresceu e modernizou-se por meio da industrialização, expandindo assim, a produção de livros.

A partir daí os laços entre a escola e a literatura começam a se estreitar, pois para adquirir livros era preciso que as crianças soubessem a língua escrita e a escola era responsável em desenvolver esta capacidade.

Até as duas primeiras décadas do século XX, as obras produzidas para a infância, tinham a finalidade única de educar, moldando a criança de acordo com as expectativas dos adultos. A obra não tinha o objetivo de tornar a leitura como fonte de prazer. Poucas histórias falavam da vida de forma lúdica.

Hoje a dimensão de literatura infantil é muito mais ampla. Ela proporciona à criança um desenvolvimento emocional, social e cognitivo. Ouvindo histórias, as crianças passam a visualizar de forma mais clara os sentimentos que têm em relação ao mundo. As histórias de hoje trabalham problemas típicos da infância: medos, sentimentos de inveja e de carinho, curiosidade, dor, perda, além de ensinarem vários assuntos.

Portanto, quanto mais cedo a criança tiver contato com os livros e perceber o prazer que a leitura produz, maior será a chance dela tornar-se um adulto leitor. Assim, através da leitura a criança criará uma postura crítica e reflexiva, importantes para a sua processar as informações a ela dirigidas no decorrer de sua vida.

O livro infantil tem claramente uma postura pedagógica, pois são os livros de leitura usados nas escolas e a primeira manifestação da produção de literatura específica para crianças.

Sendo assim, como diz Tassi (2002), é preciso oferecer às crianças, oportunidades de leitura de forma atrativa e prazerosa. E é nesse sentido que a literatura infantil desempenha um importante papel: conduzir as crianças não só à aprendizagem, mas

permitir que se realize a leitura e que se sinta prazer ao estar lendo. E isso, segundo a autora, é ótimo, pois é fundamental que as crianças sintam o gosto pela leitura. Para ela, a literatura possibilita que as crianças consigam redigir melhor desenvolvendo sua criatividade, pois, o ato de ler e o ato de escrever estão diretamente ligados.

#### 4.3 OUVINDO HISTÓRIAS...

Reconhecendo a presença e a importância da leitura na vida do ser humano, é na infância que se dá o primeiro contato que, em muitos casos, será fundamental ao estabelecimento ou não do gosto literário.

A familiarização e o gosto pela literatura deveria ser um processo iniciado no lar e firmado nos anos seqüentes, nas escolas.

Ouvir histórias é um acontecimento tão prazeroso que desperta o interesse das pessoas em todas as idades. Se os adultos adoram ouvir uma boa história, a criança é capaz de se interessar e gostar ainda mais por elas, já que sua capacidade de imaginar é maior. Sobre isso, Torres & Tettamanzy (2008) diz:

O principal objetivo em contar uma história é divertir, estimulando a imaginação, mas, quando bem contada, pode atingir outros objetivos, tais como: educar, instruir, conhecer melhor os interesses pessoais, desenvolver o raciocínio, ser ponto de partida para trabalhar algum conteúdo programático, assim podendo aumentar o interesse pela aula ou permitir a auto-identificação, favorecendo a compreensão de situações desagradáveis e ajudando a resolver conflitos. Agrada a todos sem fazer distinção de idade, classe social ou circunstância de vida.

O primeiro contato da criança com um texto, na maioria das vezes, é oralmente, quando o pai, a mãe, os avós ou outra pessoa conta-lhe histórias. A preferida sempre é a história da sua vida. A criança adora ouvir como foi que ela nasceu, ou fatos que aconteceram com ela e com as pessoas a sua volta. Quando vai crescendo, começa a escolher a história que quer ouvir ou a parte da história que mais gosta. É nesta fase, que as histórias vão tornando-se aos poucos maiores e mais detalhadas.

A criança passa a interagir com as histórias, acrescenta detalhes, personagens ou lembra-se de fatos que passaram despercebidos por quem está contando. Outro fato importante é o elo afetivo que cria-se entre quem está contando as histórias e a criança. Contar e ouvir uma história junto a quem se ama é compartilhar uma experiência boa, na descoberta do mundo das histórias e dos livros.

À medida que o tempo passa, as crianças se interessam por histórias inventadas e também pelos contos de fadas, poemas, ficção, etc. A partir destas, é maior a possibilidade delas envolverem o real e o imaginário.

Os eventos de contação de histórias, além de exercitarem a imaginação e fantasia dos ouvintes, resgatam de uma maneira positiva, a oralidade. Verifica-se também que essa atividade amplia os horizontes de leitura, possibilitando à criança o contato com textos de diversos temas, gêneros e estilos, que satisfaçam suas necessidades e gostos individuais.

É necessário contar histórias mesmo para as crianças que já sabem ler. Quando estas ouvem as histórias, aperfeiçoam a sua capacidade de imaginar, já que ouvi-las pode estimular o pensar, o desenhar, o escrever, o criar, o recriar. Num mundo de tecnologias, onde as informações já se apresentam prontas, a criança que não tiver a oportunidade de aperfeiçoar seu imaginário, poderá no futuro, ser um indivíduo não crítico, pouco criativo e sem sensibilidade para compreender a própria realidade.

O contato da criança com o livro pode acontecer muito antes do que se imagina. Muitos acreditam que a criança que não sabe ler não se interessa por livros e não precisam ter contato com eles. O que se percebe é o contrário. As crianças pequenas interessam-se pelas cores, formas e figuras que os livros possuem e que mais tarde, darão significados a elas, identificando-as e nomeando-as.

É importante que o livro seja tocado, folheado, de forma que a criança tenha um contato com o objeto do seu interesse. Com isso, ela começa a gostar dos livros, percebe que eles fazem parte de um mundo cativante, onde a fantasia apresenta-se por meio de palavras e desenhos. É preciso ajudar a criança a descobrir o que eles podem oferecer.

Sendo assim, pais e professores têm um papel fundamental nesta descoberta: instigar e incentivar a leitura.

### 3 BRINQUEDOTECA

São inúmeros os trabalhos que procuram compreender o brincar e a sua contribuição para o desenvolvimento das crianças. O brincar é a principal característica da infância, ou seja, é quase impossível não associarmos estes dois conceitos. Brincar fornece à criança a possibilidade de construir uma identidade autônoma, cooperativa e criativa.

De acordo com a Declaração Universal dos Direitos da Criança (1959), "[...] a criança deve desfrutar plenamente de jogos e brincadeiras os quais deverão estar dirigidos para educação".

A brinquedoteca surgiu do questionamento sobre as instituições infantis, onde o brincar deveria estar associado às atividades educativas. Esta tinha como objetivos básicos o empréstimo de brinquedos e a criação de espaços destinados à exploração lúdica. A brinquedoteca passou a ser conhecida e mais amplamente divulgada na Europa, a partir dos anos 60 e no Brasil em 80, estimulando instituições a destinarem a atenção ao brincar.

Ultimamente, a brinquedoteca está sendo considerada como uma das formas inovadoras atuais de pensar pedagógico, devido à importância da inclusão das atividades lúdicas no processo de desenvolvimento do indivíduo. Nos países de língua inglesa estes espaços são chamados de "Toy-Library" (biblioteca de brinquedo), nos países de língua francesa "Ludothèque", "Lekoteks" na Suécia e no Brasil, Brinquedoteca ou Ludoteca.

De acordo com Cunha apud Ramalho & Silva (2003), a diferença fundamental entre as "Toy Libraries" e a brinquedoteca brasileira é que no Brasil, sua atividade principal não é o empréstimo de brinquedos. Para esta autora, a brinquedoteca é um espaço que têm a finalidade de propiciar estímulos para que a criança possa brincar livremente, por algumas horas diárias.

A Associação Brasileira de Brinquedotecas (ABB) é uma entidade sem fins lucrativos, instituída por professores e profissionais da área de educação. Entre os objetivos da ABB estão o assessoramento as pessoas e instituições que desejam instalar brinquedotecas, estabelecer parceria com pesquisadores e instituições com interesse neste assunto, promover e incentivar o desenvolvimento de pesquisas na área, oferecer cursos e treinamento aos brinquedistas (pessoas capacitadas a trabalhar na brinquedoteca).

Mas, o que é brinquedoteca?

A ABB conceitua brinquedotecas como espaços mágicos destinados ao brincar das crianças e alerta para o fato de que não podem ser confundidas com um conjunto de brinquedos ou depósito de crianças, pois a criação de uma brinquedoteca está sempre ligada a objetivos específicos tais como sociais, terapêuticos, educacionais, lazer, etc. Para Cunha apud Ramalho & Silva (*op.cit.*), a brinquedoteca é o espaço destinado a estimular um brincar livre. Segundo Santos apud Ramalho e Silva (*op.cit.*), "a brinquedoteca nasceu no

século XX e é uma nova instituição que garante à criança um espaço que facilite o ato de brincar”. Ela tem em seu espaço brinquedos que possibilitam jogos e brincadeiras, oferecendo aos seus usuários um ambiente alegre, colorido e agradável onde a ludicidade e os brinquedos têm maior importância. É criado para a criança e possui como objetivos estimular a criatividade, a imaginação, a comunicação e a expressão, incentivando a brincadeira, o faz-de-conta, a socialização e o desejo de inventar. A Brinquedoteca possibilita inúmeras atividades que proporcionam a ludicidade individual e coletiva, permitindo que a criança construa seu próprio conhecimento.

Portanto, podemos definir brinquedoteca como uma forma de aprender brincando.

Inicialmente, as brinquedotecas foram criadas para emprestar brinquedos e evoluíram conforme as necessidades dos usuários. A partir da evolução, elas passaram a prestar outros serviços. A brinquedoteca adequa-se ao perfil de quem a criou e estas características estão relacionadas aos seus aspectos educacionais, culturais, econômicos e sociais.

Como afirma ainda Ramalho & Silva (2003), temos, atualmente, brinquedotecas nas escolas, brinquedotecas de comunidades ou bairros, brinquedotecas para crianças portadoras de deficiências físicas ou mentais, brinquedotecas em hospitais, brinquedoteca em universidades, brinquedotecas circulantes, brinquedotecas em clínicas psicológicas, brinquedotecas em centros culturais, brinquedotecas em bibliotecas e brinquedotecas temporárias, brinquedotecas em *shoppings centers*, brinquedotecas em supermercado, entre outras várias. Não importando onde estão inseridas, as brinquedotecas tem um objetivo em comum: desenvolver as atividades lúdicas e valorizar o brincar.

### 3.1 BRINQUEDOTECA ESCOLAR

Segundo Ramalho (2000), as brinquedotecas de instituições de educação infantil devem propiciar situações de interação e aprendizagem, possibilitando o desenvolvimento da autonomia e das capacidades afetivas, cognitivas e sociais, constituindo-se em um espaço onde a liberdade, a arte, a vontade, a sensibilidade, a cultura, o prazer de brincar e o respeito à criança estejam sempre presentes.

Podemos considerar a criança uma *expert* nesta atividade, pois ela tem grande capacidade em dar vida a objetos inanimados e a semear a fantasia no ambiente que a circunda. Ela utiliza este mecanismo para amenizar as frustrações ocorridas no dia-a-dia. O faz de conta é o responsável pela satisfação dos seus desejos, já que a criança se depara freqüentemente às regras que impossibilitam a concretização de seus desejos.

De acordo com a ABB, estes espaços devem ter, basicamente os seguintes objetivos:

- a) oferecer um espaço de brincadeira onde a criança possa realizar suas atividades,
- b) livremente, longe das imposições dos adultos;
- c) favorecer o desenvolvimento psicomotor, sócio-cognitivo e afetivo das crianças;
- d) desenvolver a autonomia, a criatividade e a cooperação entre as crianças;
- e) auxiliar no processo de representação e, conseqüentemente, nas várias formas de
- f) comunicação;
- g) estimular o relacionamento entre as crianças;
- h) estimular o relacionamento entre as crianças e suas famílias.

Cunha (1997) ressalta também alguns objetivos da brinquedoteca escolar:

- a) possibilitar a criança um espaço adequado para que possa brincar sossegada e sem cobranças;
- b) estimular a capacidade de concentração e atenção;
- c) favorecer o equilíbrio emocional;
- d) propiciar o desenvolvimento das potencialidades;
- e) auxiliar no desenvolvimento da inteligência, criatividade e sociabilidade;
- f) possibilitar o acesso a um número maior de brinquedos, experiências e descobertas;
- g) incentivar a valorização do brinquedo como meio de desenvolvimento intelectual,
- h) emocional e social;
- i) fortalecer o relacionamento entre as crianças e suas famílias;
- j) valorizar a afetividade e cultivar a sensibilidade.

Acrescentando-se os livros literários a este espaço, tem-se a oportunidade de inserir as crianças também no universo da leitura. Várias são as táticas que induzam esta criança a tornar-se um leitor, mesmo que ainda não estejam alfabetizados. O simples ouvir, manusear, apalpar leva a criança a desenvolver o interesse pelos livros. Cabe ao professor ou pessoa responsável pela mediação conduzir e manter a criança pelo caminho certo, pois não basta criar leitores, mantê-los é essencial.

Através destes relatos, percebemos que, em grande parte, o objetivo da brinquedoteca escolar é favorecer a prática das atividades lúdicas, permitindo assim que a criança construa suas próprias aprendizagens. Por isso a brinquedoteca deve ser um ambiente acolhedor, natural e que funcione como uma fonte de estímulos,

desenvolvendo assim as capacidades criativas e estéticas, favorecendo também a curiosidade.

#### 4.2 A CRIANÇA E O BRINCAR

A maneira mais natural da criança aprender é por meio da brincadeira. Antigamente, não se dava muita importância ao brincar, pois era visto como espaço vazio que poderia ser preenchido com qualquer atividade. Hoje, isto já mudou muito, sendo que muitas pessoas reconhecem que o brincar é responsável pelas crianças adquirirem a maioria das habilidades dos adultos, inclusive a social.

Brincar, para a criança, é a expressão mais clara de sua realidade, pois por meio dessa, ela desenvolve seu raciocínio lógico, sua habilidade, seu pensamento e sua criatividade. Ela também usa o brincar para se comunicar, entender e se desenvolver.

O ato de brincar aflora o espírito imaginativo, exploratório e o inventivo do faz-de-conta. Brincar é um universo a ser sempre redescoberto, revivido, reaprendido. O faz-de-conta tem um sentido profundo e cheio de significados em nossa vida, e principalmente na vida da criança.

Brincando a criança desenvolve capacidades, tornando-se criativa e atenciosa. Imita, memoriza, imagina e amadurece, também, algumas capacidades de socialização por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais.

Segundo Pasdiora & Hort (2006), para a criança, brincar é o melhor modo para passar o tempo. Brincar é divertimento. O brincar para a criança é a oportunidade de obter inúmeros benefícios, dentre os quais se incluem:

- a) sentir prazer, não importando o papel que desempenha na brincadeira;
- b) estar livre dos comandos dos adultos, podendo elas próprias, comandarem, escolherem, formularem regras e assumirem a situação da maneira que for melhor para elas;
- c) descobrir o mundo;
- d) sentir-se feliz e estimulada a descobrir o mundo, investigando, testando, analisando, identificando, interpretando e explorando relações de causa e efeito;
- e) aprender brincando em qualquer área da vida;
- f) desenvolver a auto-estima.

São muitas as formas de brincar e isto tem a ver com algo que difere entre as pessoas, seja um pedaço de pau, uma pedra, uma fogueira, um som, um livro, uma pessoa.

Esses “materiais” estão plenos de sugestões, de idéias e de possibilidades que podem virar brinquedos.

Ainda segundo Pasdiora & Hort (2006), observamos que brincar não significa simplesmente divertir-se:

Isso porque é a forma mais completa que a criança tem de comunicar-se consigo mesma e com o mundo. O ato de brincar pode incorporar valores morais e culturais, sendo que as atividades lúdicas devem visar à auto-imagem, auto-estima, autoconhecimento e cooperação porque estes conduzem à imaginação, à fantasia, à criatividade, à criticidade e a uma porção e vantagens que ajudam a moldar suas vidas como crianças e como adultos.

Além do que já foi apresentado sobre o brincar, Pasdiora & Hort (*op.cit.*) enfatiza ainda que:

- a) *brincar desenvolve aptidão para o convívio social*: a criança se prepara para obter um convívio social por meio das brincadeiras quando ela utiliza seres inanimados e inofensivos, como ursinhos e bonecas, com os quais pratica a sua capacidade de interação. Logo após, amplia essa capacidade com brincadeiras em grupo com as quais poderá aprender seus direitos e respeitar os alheios. Nada melhor do que brincar com os pais para que possa refinar suas habilidades sociais e obter uma melhor interação social;
- b) *brincando a criança pode elaborar sentimentos*: a criança pode trabalhar os diversos tipos de emoções que fazem parte dos seus momentos, pois, conforme a brincadeira em que estiver inserida, ela experimenta diversos sentimentos que são manifestados no decorrer das suas situações vivenciadas;
- c) *brincar estimula o desenvolvimento da linguagem*: no decorrer de uma brincadeira, a criança emite sons para conseguir comunicar-se com o colega ou para melhor relacionar-se com o brinquedo. Até mesmo os bebês que mal começaram a falar ou balbuciar já emitem sons ao brincarem, o que mostra que o seu brincar é uma situação mais prazerosa;
- d) *ao brincar a criança pode transcender a própria idade*: no seu cotidiano, ao brincar, a criança utiliza várias imitações, as quais, na realidade, lhe são negadas por ser muito pequena, mas que, no jogo da fantasia, do faz-de-conta, a deixam eufórica e fazem crescer a auto-estima, ajudando-a a criar uma identificação com o adulto;
- e) *brincar estimula a criatividade e a imaginação*: nos momentos de brincadeiras, de fantasia, criatividade e faz-de-conta, a criança amplia os seus limites e experimenta os prazeres da fantasia.

Com isso, notamos quantos benefícios as crianças recebem apenas brincando, e que, se ela não brinca, se tornará um adulto vazio e frustrado, encontrando dificuldades em resolver situações com as quais nem na imaginação ou fantasia aprendeu a lidar.

#### 4.3 UM BRINQUEDO CHAMADO LIVRO...

Não acreditamos que esse seja o “papel” do livro infantil, principalmente quando vemos que ele foge das características dos demais objetos considerados brinquedos. Mas se os brinquedos são considerados objetos lúdicos e prazerosos, porque o livro não o é?

É necessário que os livros infantis sejam percebidos também como um brinquedo. Nesse sentido, a indústria editorial tem se preocupado cada dia mais com o formato deles. Hoje em dia, podemos encontrar além dos tradicionais livros impressos em papel, os livros cartonados, os de pano e os de plástico.

Os livros impressos em papel têm atraído o público infantil pelas ilustrações e cores.

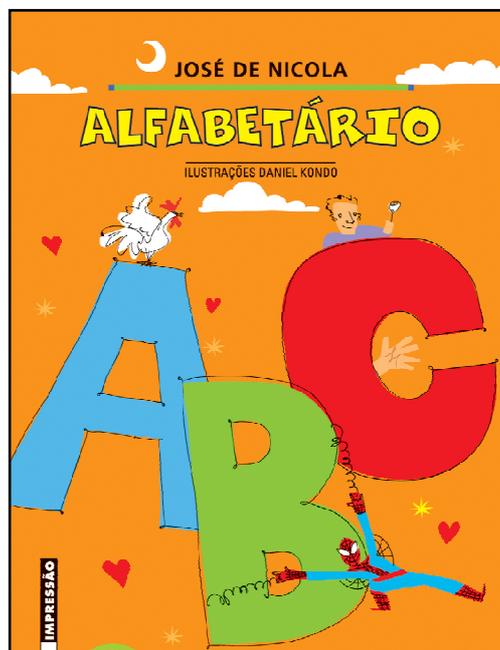


Figura 1 - Exemplo de livro impresso.



Figura 2 - Exemplo de livro impresso.

Os cartonados facilitam o folhear das páginas pelas crianças menores:



Figura 3 - Exemplo de livro cartonado.



Figura 4 - Além de cartonado, o livro vira um móbile.

Os de pano podem ser utilizados até como travesseiros:



Figura 5 - Livro de pano em formato de ovelha.



Figura 6 - A capa caracteriza o personagem principal da história.



Figura 7 - Outro exemplo de livro de pano.



Figura 8 – Este livro, além de ser fechado em zíper, seus personagens são presos em velcro, permitindo a interação da criança com a história.

Quanto aos de plástico, além de serem mais resistentes, podem ser utilizados durante o banho.



Figura 9 – Livros de plástico, também conhecidos como livros de banho.

Outro aspecto que poderá propiciar brincadeira através dos livros são os temas abordados, e que na literatura infantil tem se apresentado enriquecido e variado. Segundo Bortolin (s.d) em geral, as histórias encontradas nos livros infantis se dividem em: mitos e lendas, contos de fada, fábulas, humor, poesias e teatro.

Os mitos e lendas são baseados em fenômenos naturais e compreendem os acontecimentos humanos. Por ser o Brasil um país com um “rico” folclore, há uma grande variedade de publicações nesse sentido.

Os contos de fada são histórias cheias de idéias abstratas e figurações extraídas do real. O número de publicações e de editoras que se dedicam a esse gênero de histórias é incontável e isso provoca uma série de edições, reedições e adaptações.

Quanto às fábulas, a principal característica desse gênero de história é que os animais, assim como os homens se comunicam pela fala.

A literatura infantil brasileira tem diferentes autores que publicaram e publicam textos de humor, ou seja, aqueles que objetivam provocar risos, que são escritos de forma descontraída e com temas do cotidiano.

Escrever poesia para as crianças não deve ser tarefa fácil, pois temos na literatura brasileira poucos poetas que se dedicam a elas; principalmente se considerarmos que o texto poético tem ritmo. E quando são destinados às crianças, em geral, tem ludicidade e jogos de palavras.

As peças de teatro são compostas por “falas” de personagens que serão encenadas por atores e atrizes. Infelizmente não é abundante na literatura infantil brasileira.

Para que o livro infantil possa realmente ser considerado brinquedo, é preciso eliminar a imagem do didatismo vinculada a este, com ensinamentos cansativos e monótonos. Só assim o livro será visto como um brinquedo, trazendo-o à convivência da criança como um objeto lúdico e prazeroso.

## 5 METODOLOGIA

Este estudo teve como local de investigação a brinquedoteca do Colégio Marista de Goiânia, nos meses de agosto a novembro de 2008, sendo que os meses de agosto e setembro ficaram para a elaboração da proposta de estágio e diagnóstico e os meses de outubro e novembro para a execução do trabalho.

A atividade compreendeu a contação de histórias, objetivando o incentivo à leitura, o brincar, estimulando a ludicidade, a socialização e também a organização da brinquedoteca, já que esta não possui um funcionário responsável.

Para a realização da atividade, houve a organização prévia do espaço da brinquedoteca, com seleção dos brinquedos e descartando os que estavam estragados. Após a seleção, escolheu-se os livros de histórias que seriam contadas às crianças. Estes livros fazem parte do acervo da biblioteca do Colégio Marista e, como critério de escolha, preferiu-se os que continham ilustrações e textos curtos, pois assim a atividade se torna mais ativa e participativa e também histórias que transmitam lições positivas para as crianças. Por fim, os cinco livros selecionados foram:

- a) *Asa de papel* / Marcelo Xavier. Editora Formato;
- b) *Festa no jardim* / Dê Siqueira. Editora Caracol;
- c) *Mundo de coisas* / Marcelo Xavier. Editora Formato;
- d) *O sapo está com medo* / Max Velthuijs. Editora Martins Fontes;
- e) *O soldadinho de chumbo*. Editora FTD;
- f) *Tem de tudo nessa rua...* / Marcelo Xavier; Editora Formato.

Por adequar-se perfeitamente as premissas desejadas na seleção, os livros de Marcelo Xavier foram escolhidos em maior quantidade.

A Educação Infantil do Colégio Marista de Goiânia é formada por quatorze turmas, sendo:

- a) Maternal I A e B – 2 anos;
- b) Maternal II A e B – 3 anos;
- c) 1º período A ao C – 4 anos;
- d) 2º período A ao C – 5 anos;
- e) 1º ano A ao D – 6 anos.

Para a realização da atividade, foi escolhido o turno matutino, composto pelas seguintes turmas:

- a) Maternal I e II A;
- b) 1º período A e B;
- c) 2º período A e B;
- d) 1º ano A e B.

Utilizada em momentos livres e não havendo um cronograma para utilização, foi estabelecido um horário para o uso da brinquedoteca, observando os momentos em que as turmas estavam em sala de aula e encaixando-as conforme disponibilidade do professor. Um dos requisitos obrigatórios definido pela coordenação para as professoras foi que esta não deveria se ausentar da brinquedoteca enquanto a atividade estivesse sendo realizada para melhor socialização.

Com isso, as oito turmas do Maternal I ao 1º ano, seguiram o horário definido a seguir:

TABELA 1 – Horário para o uso da brinquedoteca.

<b>HORÁRIO</b>	<b>2ª FEIRA</b>	<b>3ª FEIRA</b>	<b>4ª FEIRA</b>
8h	-	1º ano A	-
9h30'	-	-	1º período A
10h	-	2º período B	-
10h15'	Maternal II A	-	Maternal I A
11h	1º ano B	2º período A	1º período B

Com o tempo de 40 minutos para a execução da atividade, esta era desenvolvida da seguinte forma:

- a) recepção aos alunos na brinquedoteca, sentando-os em um semicírculo no chão;
- b) apresentação;
- c) explicação da atividade;
- d) explicar sobre a organização da brinquedoteca;
- e) leitura da história;
- f) breve conversa sobre as impressões que os alunos tiveram da história;
- g) hora da brincadeira;

- h) organização do espaço;
- i) despedida.

De natureza qualitativa com o delineamento de caráter documental e descritivo, o estudo teve duas principais fontes de análise: uma avaliação feita pelas professoras sobre a atividade (APÊNDICE A) e um caderno de registro das atividades desenvolvidas.

Este caderno registra o desenvolvimento e a avaliação descritiva das atividades diárias de forma detalhada, incluindo o comportamento dos alunos, observações sobre a atividade e/ou a turma e da organização do espaço, constituindo-se em uma fonte de riqueza ímpar de informações.

A avaliação foi entregue as sete professoras que participaram das atividades na brinquedoteca, sendo que somente quatro responderam.

## 5.1 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados aqui apresentados estão organizados a partir da análise do caderno de registro e da avaliação realizada pelas professoras.

Na análise do caderno, observa-se o mútuo compartilhamento de informações entre a estagiária e os alunos. Na sua prática, ela em todo tempo buscava estimular os alunos a participar com opiniões, sugestões e críticas. O caderno revela a expressão de sentimentos, emoções que vivenciados junto aos alunos, bem como a receptividade destes para com a estagiária e a brinquedoteca.

No Maternal I e II, foram contadas histórias menos complexas, pois como muitos ainda não sabem ler, a oralidade e a questão das informações visuais são mais importantes. A respeito disso, Amarilha apud Bueno & Steindel (2006) afirma que:

“Quando se lê para a criança estamos lhe proporcionando informações e estruturas acima do seu nível de leitura, estamos tornando-lhes acessível o complexo mundo da escrita”.

O contato com as ilustrações deve ser iniciado nas primeiras fases para aos poucos ir acostumar os futuros leitores em relação aos textos com poucas ilustrações, para que eles passem a depender cada vez menos das imagens como única forma de entendimento. Brincam em grupos, afirmando a sociabilidade. A princípio, alguns se mostraram resistentes quanto à organização do espaço, mas a partir de conversas explicativas, mostraram-se bastante prestativos.

Nas avaliações feitas pelas professoras, não houve entrega pela professora do Maternal I, enquanto que a do Maternal II narrou:

“As crianças adoram ir até a brinquedoteca, em especial agora que temos um acompanhamento direcionado. As histórias tem sido algo que chama atenção das crianças principalmente ao Maternal II, que são tão pequeninos e estão na fase do faz de viver o faz-de-conta. A organização e a funcionalidade da brinquedoteca agora estão bem melhor em função de ter alguém lá e que tem esta preocupação de cuidar, organizar, estabelecer regras para que as coisas fiquem em ordem e todos possam usufruir da mesma com qualidade. Percebi que hoje as crianças estão tendo maior preocupação em deixar a brinquedoteca mais arrumada.”

Percebeu-se através do registro que os 1º períodos são crianças participativas e curiosas. São ótimos para desenvolver a atividade de leitura, pois já têm o convívio com a contação de histórias realizada pelas professoras. Estas já se enquadram no que diz Pahl (s.d), que quando uma criança ouve ou lê uma história, ela é capaz de comentar, indagar, duvidar ou discutir sobre ela, realizando uma interação verbal com a história. Quanto à organização do espaço, no início demonstraram resistência, mas com diálogos e exemplos, as turmas foram desenvolvendo e se apresentam mais cuidadosas neste aspecto.

Como avaliação das professoras, temos:

“As crianças do 1º período A estão adorando. Gostam muito de ouvir histórias e Jaqueline sempre trás histórias diferentes e interessantes. Entonação de voz em uma história é fundamental e isso ela faz muito bem. Jaqueline tem trabalhado a questão do brincar e guardar os brinquedos em seus devidos lugares. Isso colabora muito com o nosso trabalho porque é um hábito que a gente reforça muito no cotidiano da sala de aula. Ter uma brinquedista nos acompanhando na brinquedoteca é muito bom.”

“O grupo mostra-se motivado quando é convidado a ir à brinquedoteca. Adoram a história, adoram brincar. É incrível como o grupo está crescendo nos momentos de organizar os brinquedos após o uso.”

Os 2º períodos são crianças espertas e comunicativas. Também resolvem muito bem os problemas entre si. Percebe-se pelos registros que no início queriam muito brincar, quase não dando atenção na história. Mas como diz Torres & Tettamanzy (2008), “o contador domina a platéia como se fosse um caçador abatendo sua presa”, logo tornaram-se atentos e participativos. Houve muita interação com o grupo na hora da brincadeira, e logo após, mostraram-se prestativos e atenciosos na organização do espaço. Infelizmente as professoras destas turmas não entregaram a avaliação.

O 1º ano demonstrou desinteresse no primeiro encontro, causando um desconforto no andamento da atividade de leitura, pois estavam ansiosos em brincar por não freqüentarem muito o espaço da brinquedoteca. Brincavam euforicamente e demonstraram desinteresse em organizar o espaço. Ao final da atividade, a professora sentou-se com os alunos e demonstrou bastante decepcionada com o andamento da turma.

Houve uma rápida conversa com eles e, no segundo encontro, a turma surpreendeu por apresentarem-se mais contidos e participativos.

A professora avaliou da seguinte maneira:

Meus alunos adoram ir a brinquedoteca, é um momento mágico, interessante e lúdico. A contação de histórias é muito interessante e acredito que com o hábito as crianças vão relacionar a brinquedoteca também a leitura, e vão querer ouvir histórias toda vez que forem a brinquedoteca, porém as crianças chegam a brinquedoteca ansiosos para brincar e demoram um pouco para se acalmar e começar a se envolver com a história. Acredito que o momento da história fosse no final, uns 15 minutos antes de acabar, como um relaxamento, seria mais proveitoso.

## 6 RESULTADOS ALCANÇADOS

Através da análise do caderno de registros e da avaliação feita pelas professoras, percebeu-se uma mudança significativa no comportamento das crianças quanto à leitura e a brinquedoteca.

Houve um interesse maior pelo livro como brinquedo, sendo este utilizado nas brincadeiras.



Figura 10. A curiosidade quanto às ilustrações...



Figura 11. O livro acaba virando um brinquedo para as crianças.

As turmas já associam a brinquedoteca à contação de histórias, sendo que várias vezes em passagem pelas turmas, percebe-se a preocupação em saber qual a próxima história será contada ou até porque não foi realizada a atividade em determinado dia. As professoras também estão empolgadas e aprovando a atividade, pois como relatado anteriormente, mudanças estão sendo percebidas no cotidiano da sala de aula.

Houve também uma maior atenção por parte das crianças pela hora da história, pois de início era mais difícil contê-las, principalmente pelo desafio de associar a contação de histórias no ambiente da brinquedoteca, onde os brinquedos e a brincadeira são privilegiados. As turmas cresceram significativamente neste quesito, dando credibilidade à atividade e ao método de trabalho.



Figura 12. A atenção quanto à história a ser contada.



Figura 13. A socialização com o livro.

Percebeu-se também que as crianças preocupam-se mais com os brinquedos e a organização da brinquedoteca até mesmo quando estão utilizando-a em outros horários.



Figura 14. Meninas organizando os brinquedos.



Figura 15. Meninos organizando os brinquedos

Após a conscientização das crianças e professoras do turno matutino, a brinquedoteca tem se tornado mais organizada e conservada. O trabalho foi satisfatório tanto para a realização da proposta como para a instituição de ensino.



Figura 16. Espaço da brinquedoteca



Figura 17. Espaço da brinquedoteca

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do caderno e das avaliações elaborados aponta para algumas possibilidades de interação e desenvolvimento de práticas envolvendo a biblioteca e a brinquedoteca escolar. Pode-se dizer que no momento que estas crianças eram tomadas pelo mundo lúdico do livro, eles abstraíam sentimentos ou fatos da sua vivência.

A ligação com o livro e a biblioteca se dá a partir do momento em que os profissionais bibliotecários, professores e outros entenderem que para a criança tudo pode ser brincadeira. É possível alimentar a cultura do livro e da biblioteca em espaços que possam estabelecer maior proximidade com a criança num relacionamento afetivo. Um modo de a criança entender a leitura é a partir do lúdico existente na atividade de ouvir ou ler um livro, oferecido pela biblioteca e também pela brinquedoteca.

O incentivo à leitura não pode ser limitado ao espaço da sala de aula, e sim levá-lo a lugares onde a criança goste. Para isto, é necessário que haja uma interação e companheirismo pelos professores, biblioteca e brinquedoteca – no caso desta instituição analisada.

A atividade de contar histórias também não deve se limitar ao modo tradicional. É importante incentivar a reflexão sobre tudo que foi lido, discutindo também a visão que este leitor tem sobre a história. Também de dar a oportunidade desta criança admirar o objeto livro: suas ilustrações, seu formato, suas cores.

O uso da literatura no espaço da brinquedoteca mostrou que a leitura tem uma significativa influencia no mundo do aluno. Os momentos de leitura explorados neste espaço revelaram o crescente gosto, hábito e significativo prazer nas crianças, levando-as a inserir o livro nas suas horas de brincar.

Enfim, o bibliotecário tem inúmeras formas de levar o leitor ao livro, basta usar de métodos e técnicas que consigam encantá-los e mantê-los. Ao final deste estudo participativo, temos a convicção que o bibliotecário não deve ser apenas um guardião de livros, e sim fazer a diferença no local está, mostrando que um simples espaço como a brinquedoteca pode levar crianças em fase de letramento e alfabetização a serem futuras leitoras.

**REFERENCIAS:**

BARROS, Maria Helena T. C. de; BORTOLIN, Suely; SILVA, Rovilson José da. **Leitura: mediação e mediador.** São Paulo : FA, 2006.

BORGES, Ana Maria de Miranda Marques. O convite do leitor implícito na prosa juvenil. In: **Leitura : teorias e práticas.** [Goiânia] : [Vieira], 2003. p. 23-53.

BORTOLIN, Suely. **Um brinquedo chamado livro infantil.** Disponível em: [www.mundoquele.ofaj.com.br/Textos/Texto5.doc](http://www.mundoquele.ofaj.com.br/Textos/Texto5.doc). Acesso em: 31 out. 2008.

BUENO, Silvana Beatriz; STEINDEL, Gisela Eggert. A biblioteca e a brinquedoteca : mediadores do livro, objeto prazeroso de saber e lazer no ambiente escolar. **Ciências e Cognição**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 10-21, 2006. Disponível em: [www.cienciasecognicao.org/pdf/v08/m32697.pdf](http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v08/m32697.pdf). Acesso em: 22 ago. 2008.

CONSTIN, Cláudia. Leitura e cidadania. In: PINSKY, Jaime. **Práticas de cidadania.** São Paulo, Cia das Letras, 2004. p. 269-271.

ONU. **Declaração dos direitos da criança.**

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam.** São Paulo, Cortez, 1994.

JACOB, Maria Célia. Afinal, o professor é um leitor? **Trilhas**, Belém, v. 9, n. 19, p. 29-46, jun. 2007.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB. Lei 9394/96. Disponível em: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l9394.htm). Acesso em: 25 ago. 2008

MACHADO, Tertuliana Corrêa. **A formação do aluno leitor.** 2001. 161 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós Graduação em Engenharia da Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001. Disponível em: <http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/5859.pdf>. Acesso em: 07 maio 2008

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura.** São Paulo, Cia das Letras, 1997.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.

PAHL, Tatiana Godin. **A importância da literatura infantil para o desenvolvimento da criança.** Disponível em: [www.sinproitajai.org.br/noticias/mar%E7o%2006/15%20artigo.doc](http://www.sinproitajai.org.br/noticias/mar%E7o%2006/15%20artigo.doc) Acesso em: 30 out. 2008.

PASDIORA, Linacir Oedmann; HORT, Ivan Carlos. A criança e o brincar. **Revista de divulgação técnico-científica do ICPG**, Santa Catarina, v. 2, n.8, p. 121-125, jan./jun. 2006. Disponível: [www.icpg.com.br/hp/revista/download.exec.php?rpachave=a1b18ef4085b4057d6ac](http://www.icpg.com.br/hp/revista/download.exec.php?rpachave=a1b18ef4085b4057d6ac). Acesso em: 31 out. 2008.

PERROTI, Edmir. **Confinamento cultural, infância e leitura.** São Paulo, Summus, 1990.

PRADO, Iara Glória Areias. **Para formar leitores na escola.** Disponível em [http://www.leiabrasil.org.br/pdf/material\\_apoio/laraPrado.pdf](http://www.leiabrasil.org.br/pdf/material_apoio/laraPrado.pdf). Acesso em: 07 maio 2008.

RAMALHO, Márcia Regina de Borja; SILVA, Chirley Cristiane Mineiro da. A brinquedoteca. **Revista ACB**, Santa Catarina, v. 8/9, p. 26-34. Disponível em: [www.acbsc.org.br/revista/ojs/include/getdoc.php?id=267&article=101&mode=pdf](http://www.acbsc.org.br/revista/ojs/include/getdoc.php?id=267&article=101&mode=pdf). Acesso em: 30 ago. 2008.

RAMALHO, Maria Terezinha de Borja. **A brinquedoteca e o desenvolvimento infantil.** 2000. 140f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000. Disponível em: [teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/4209.pdf](http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/4209.pdf). Acesso em: 31 ago. 2008.

ROCHA, Suely. **Somos últimos.** Disponível em: [www.leiabrasil.org.br/doc/leiaecomente/somos\\_ultimos.doc](http://www.leiabrasil.org.br/doc/leiaecomente/somos_ultimos.doc). Acesso em: 30 out. 2008.

TASSI, Adelaide da Rosa. **A importância da literatura infantil para o desenvolvimento e aprendizagem da criança.** Santa Catarina : [s.n], 2002. [on-line]. Disponível em: <http://br.geocities.com/ciberliteratura/literinfantil/adelaide.htm>. Acesso em: 07 maio 2008.

TORRES, Shirley Milene; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. Contação de histórias : resgate da memória e estímulo à imaginação. **Revista eletrônica de crítica e teorias de literatura**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 01-08, jan/jun, 2008. Disponível em: [www.seer.ufrgs.br/index.php/Nauliteraria/article/view/5844/3448](http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Nauliteraria/article/view/5844/3448). Acesso em: 13 out. 2008.

## APÊNDICE A – FICHA DE AVALIAÇÃO

### FICHA DE AVALIAÇÃO

#### **- Incentivo à leitura e organização da brinquedoteca.**

Avalie o andamento da atividade desenvolvida na brinquedoteca. Descreva se percebeu alguma contribuição da atividade para a turma. Fique a vontade para apresentar críticas, sugestões e observações.